

O CAMINHAR NA PESQUISA PÓS-ESTRUTURALISTA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francielly Zilli^{1*}; Stefanie Griebeler Oliveira²

¹Universidade Federal de Pelotas – franciellyzilli.to@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao realizarmos pesquisa a partir da vertente pós-estruturalista, compreendemos a possibilidade de problematizar, descrever e desconstruir verdades contexto-dependentes, ou seja, constantemente caminhamos em busca da desnaturalização daquilo que nos é apresentado como verdade (MEYER, 2014). Ela nos permite caminhar com liberdade, sem contar com um método que descreve o caminho exato a ser seguido, tão pouco a clareza do local de chegada. Mas não sem rigor. Proporciona ao pesquisador caminhar aberto durante toda a pesquisa, possibilitando modificações, reorganizações de idéias e acréscimos a fim de reconstruir a forma de pesquisar (PARAÍSO, 2014).

As atividades como instrumento na terapia ocupacional formam o elo que compõe a relação terapeuta e paciente. Elas estão associadas às experiências cotidianas de cada um de nós, e são elas que possibilitam a dinâmica relacional no processo terapêutico. As atividades vinculadas como técnica terapêutica tem sua especificidade definidas pelo contexto do paciente, podendo assim estar associadas com as atividades de lazer, trabalho, artesanato, ou sendo ressignificadas através de atividades expressivas, como pintura, desenho e argila (BENETTON, 1994, p.17).

A utilização das atividades terapêuticas do terapeuta ocupacional como um disparador para a produção de informações é sustentada através do olhar de Paraíso (2014, p. 35), quando nos fala que “usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido”.

Para além de uma forma de coleta, as atividades proporcionaram aquilo que Foucault (2010) apontou como necessário para direcionar a relação de si para consigo, ou seja, como uma possibilidade para voltar o olhar e a atenção para si, proporcionando assim espaços de reflexão sobre si, exame de consciência, rememoração e conversão do olhar para si. Dessa forma, objetivou-se problematizar sobre o uso das atividades como instrumento terapêutico para produção de dados em pesquisa e incitação do cuidado de si em pacientes com doença avançada.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do tipo reflexivo produzido a partir da coleta de dados da pesquisa, intitulada “As atividades como instrumentos terapêuticos e o cuidado de si de pacientes em condições oncológicas avançadas” proposta para dissertação de Mestrado, durante o período de mês de março a junho do ano de 2018. Tal pesquisa consiste em estudo de caso com base nas teorias pós-críticas, especificamente na vertente pós-estruturalista dos estudos culturais. A coleta de dados foi realizada a partir da utilização de

atividades como instrumento terapêutico com pacientes com câncer avançado, ao mesmo tempo que tais atividades incitavam o cuidado de si. Foram realizados em torno de 3-4 encontros com 7 participantes. Os encontros foram gravados e também foram elaboradas notas de campo que permitiram a produção deste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foi utilizado uma mesma atividade para todos os participantes da pesquisa. Esta foi chamada de atividade de apresentação, na qual o participante apresentava-se referindo quem ele é, como ele vê a vida e como ele se vê vivendo essa vida. Foi a partir dela que as atividades seguintes foram escolhidas, assim como o delineamento dos questionamentos pertinentes a pesquisa foram feitos.

Foi a partir da realização dessa atividade como fonte de produção de informação que caminhos futuros foram sendo construídos através da escolha de novos instrumentos que fossem capazes de constantemente proporcionar a observação e o reconhecimento da subjetivação da ação, e assim possibilitar meios de comunicação, elaboração e novas associações ao longo da pesquisa (BENETTON, 1994).

Outro instrumento que foi utilizado para mais de um participante, porém com abordagens e direcionamentos particulares foi a argila, a qual possibilitou a expressão de si através do exame de consciência, reconhecimento e conversão do olhar para si. A proposta consistia em modelar a forma como as participantes se percebiam, antes de adoecer, durante o processo de enfrentamento e como se almejavam futuramente.

O processo de enfrentamento do adoecer é experienciado de diferentes formas. Para uma das participantes a experiência foi tão marcante a ponto de, ao se moldar na argila não atribuir formas corporais, mas sentidos para cada uma das fases vividas. Primeiro, um funil relacionado ao momento da busca pelo diagnóstico, momento da “perda de si”, onde a escuridão do caminho fez com que ela não se reconhecesse. E por conseguinte, as formas de flor, coração e fruto, para o momento em que recebeu o diagnóstico, que demonstram como se vê hoje e no futuro.

Para outra participante, o tempo passado, presente e futuro foi representado em corpos, mais precisamente cabeças, remetendo em primeiro momento às alterações físicas, repletas de significado relacionados a potencialidade desse corpo, dos pensamentos que passam ou que já passaram por essa cabeça e o quanto eles a constituem hoje, e proporcionam condições de possibilidade para os planos futuros.

Para Foucault (1984) é esse exercício de si sobre si mesmo, esse olhar para si, que encontramos o cuidado de si, e assim a modificação de si mesmo, a partir desse exercício de reconhecimento, de pensar sobre os pensamentos e de se perceber, que neste caso foi proporcionado pela escolha da argila como instrumento disparador destas reflexões.

A utilização de história também possibilitou abordagens distintas. Primeiro um conto de Rubens Alves permitiu observar as representações sobre o processo da morte e as questões de despedida. Por outro lado, um relato fictício de uma paciente oncológica apresentando características próximas as experienciadas por uma das participantes, permitiu o espaço para a rememoração do passado, converter o olhar para si, para as experiências vividas em relação ao diagnóstico e assim um espaço para se observar a partir do outro e relatar a sua história.

O tema da morte pode ser abordado através da atividade “cartas na mesa”, desenvolvida com o instrumento do baralho capaz de despertar a percepção de si, o exame de consciência, reconhecimento do que é importante no cuidado consigo durante o adoecimento e os desejos em relação a cuidados futuros.

Diversos tipos de atitudes e experiências foram elaboradas pelo homem como formas de técnicas específicas que proporcionam a compreensão de quem eles são, um exemplo dessas técnicas é a técnica de si. O sujeito compreendido pelas técnicas de si é visto como um sujeito ético, “antes que um ideal de conhecimento”. Dessa forma, o sujeito é abarcado como transformável e modificável, pois passamos a ver o sujeito como alguém que “se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas, etc.” (GROS, 2008, p. 129).

A necessidade de abordar assuntos os quais fossem ao encontro dos objetivos da pesquisa, foram contemplados através da utilização de atividades que faziam parte do cotidiano dos participantes como foi o caso da atividade de horta e costura.

No primeiro caso, através do contato com a terra, foi possível perceber momentos de rememoração, seja através das falas apresentadas ou até mesmo dos momentos de silêncio, onde o participante pode se afastar do externo, das limitações ocasionadas pelo adoecer, das complicações experienciadas e voltar à atenção para as suas emoções, para o sentido que aquela atividade representa em sua vida, se percebendo vivo como as plantas e identificando o que nutre esse viver. Possibilitou a analogia do viver como plantar, do reconhecimento do cuidado de si assim como o cuidado com a planta, das possibilidades de colheita na vida, e dos frutos futuros.

No segundo, o costurar, presente por tantos anos na vida de uma das participantes, hoje foi utilizado para ressignificar a forma como ela olha pra si, para as alterações de seu corpo ocasionadas pelo adoecer, e para a forma como vê o seu processo de cuidado. Um corpo adoecido, emagrecido, com um “acessório” implantado, chamado de colostomia, também conhecida como bolsinha, capaz de alterar o reconhecimento de si, de alterar a forma como se percebe no mundo, é desconstruído através da construção material de uma nova bolsinha de significados. Costurar, dar forma, estar em ação, ressignificar o sentido da bolsa através da construção de duas nova bolsinha de tecido, este escolhido pelas cores de seu agrado. Um preenchido com palavras de sentimentos bons os quais remetem as possibilidades de viver, e proporcionam uma nova reflexão sobre o estar viva, se reconhecer viva, examinar seus pensamentos e reafirmar o que percebe de positivo nessa condição de possibilidade ofertada pela colostomia. No outro, depositado palavras que remetem sentimentos ruins, sentimentos despertados em momentos de conflitos e limitações ocasionados por essa mesma condição de possibilidade que é a colostomia.

Em ambos os momentos, a oportunidade de voltar o olhar para si, para o cuidar de si mesmo, se perceber e se acolher nesse novo viver. Práticas como a escrita de si em cadernos de anotações e diários, ou despertadas na atividade da costura, também eram recomendadas como meios para dizer a verdade sobre si mesmo (FOUCAULT, 2011).

4. CONCLUSÕES

Caminhar livre metodologicamente como proporcionado pelos estudos pós-estruturalistas permite caminhar acompanhado de histórias, de vidas que contornam a vida do pesquisador e desenham os fechamentos que em outra lógica, deveriam ser predeterminados. Poder olhar para as atividades como instrumentos terapêuticos e associá-las a práticas possíveis de cuidado de si, foi possível pela permissibilidade de construir o caminho ao caminhar, e de olhar para a paisagem deste caminho, para as relações construídas utilizando as lentes da vertente pós-estruturalista dos estudos culturais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTON, M. J. **Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental**. 1994, 203f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas.

FOUCAULT M. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____ **A hermenêutica do sujeito**. 3º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____ . 1984. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA MB. **Ditos e escritos V: Michel Foucault Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p.258.

GROS F. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO M; VEIGA-NETO A. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.127.

MEYER, DE. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. . In: MEYER, DE; PARAÍSO, MA. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ºed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p.49.

PARAÍSO, MA. Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, DE; PARAÍSO, MA. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p.25.

*Bolsista Capes.